

# AÇÃO DIRETA

MENSÁRIO ANARQUISTA

Diretor: Sônia Oiticica

Diretor Fundador: José Oiticica

Administrador: Manuel Peres

Redação: Av. Treze de Maio, 23 — 9.º andar — sala 922

ANO 11 N.º 121

Rio de Janeiro, Outubro de 1957

PREÇO: Cr\$ 2.00

Registro SI/P-214 de 8-3-1946

## Primeira conferência anarquista americana

Pronunciamento sobre a posição do anarquismo em relação com os problemas do homem e do mundo

A Conferência Anarquista Americana, reunindo representantes dos mais diversos lugares do continente, arroga-se a tarefa de estudar a situação econômica, política e cultural da América em especial, embora como parte e consequência da realidade atual do mundo em seu conjunto. A Conferência entende que esta análise deve ser orientada pelas idéias essenciais do pensamento anarquista, olhando o homem como um ser individual e concreto, livre e dono de seu destino, que é o resultado de sua vontade criadora posta em ação; da convivência social organizada como resultado da cooperação livre dos que vivem em sua plena integridade individual; do amor entre os homens como aglutinante e motor dessa livre cooperação; da tolerância, o respeito aos direitos alheios e a solidariedade responsável como normas da conduta emergente desse amor.

A Conferência rejeita, portanto, toda afirmação derivada de atitudes dogmáticas, de lugares-comuns e de esquemas simplistas da rica, diversa e complexa realidade humana, reconhecendo, como causa eficiente, fatores de caráter material, moral e espiritual concorrentes e autônomos, rejeitando, também, todo esquema do mundo que não inclua algum destes fatores: como o materialismo, que pretende que o devir histórico está determinado por causas materiais alheias à vontade humana, ou o chamado espiritualismo, que cinicamente procura esquecer a base material da vida humana, utilizando esse esquecimento como justificativa da exploração e da miséria.

Coexistem no mundo a riqueza realizada ou potencial e a miséria; o amor e o ódio; o ideal de justiça e a injustiça efetiva; o amor à liberdade e o despotismo; os obstáculos materiais e humanos e a vontade criadora e combativa. O anarquismo entende a história e o porvir humanos como resultado desses fatores, em sua maioria imponderáveis, tendo a vontade humana como motor e bússola. Daí a conclusão de que o futuro do homem surja de suas realizações livres, voluntárias e responsáveis.

Os anarquistas desejam a liberdade, a paz e a solidariedade entre os homens. Ante a dura realidade reafirmamos nossa atitude, convidando os homens a construirmos por si mesmos essa paz e essa liberdade, superando os fatores materiais, os preconceitos e dogmas, os interesses mesquinhos e os autoritarismos opositores.

Diante do propósito suicida de dividir irreduzivelmente o mundo em dois blocos igualmente autoritários e desumanos, opomos nossa atitude anarquista fraternal e solidária. Diante da insensata corrida para a guerra em que nos pretendem lançar os mentores do poder, anunciamos nossa suprema decisão de não matar nem morrer

por propósitos alheios aos autênticos valores de liberdade, fraternidade e justiça. Diante da exploração e do colonialismo de umas nações por outras, proclamamos o direito dos povos a reger seu destino. Diante da existência de ditaduras legais e ilegais, de nacionalismos estreitos e odiosos, expomos nossa condição universal e libertária. Diante do capitalismo privado ou do Estado e diante do coletivismo compulsivo e desigual, reivindicamos o socialismo libertário, à medida do homem, produto de suas aspirações e preferências.

Os anarquistas da América, comprometidos na luta pela libertação humana, chamamos nossos irmãos a lutar com rebeldia, mas sem ódio, sem arrogância e sem medo. Nesse drama de dor e de esperança que é a história, repetimos, o homem é LIVRE e RESPONSÁVEL, e está só frente a seu destino.

## Revolução no fundo sindical

Por IPÊ

A Comissão do Imposto Sindical, através de seu diretor de secretaria, Oscar Victorino Moreira, de trágica e malfadada memória, esbravejante e espumando raiva pelas comissões labiais, lançou furibundo folhetim sob serafico título de: "Considerações Sobre o Imposto Sindical".

Em extraordinárias contorções dialéticas tenta provar que a terra é quadrada, isto é, que para o bem estar do operário e felicidade pene dos carrapatos getulianos, a mina inesgotável do imposto deve permanecer por séculos afóra.

Para início de conversa e para que saibam os trabalhadores, o folheto de seu Oscar foi impresso com o dinheiro do próprio Fundo Sindical que, trocado em miúdos, quer dizer: dinheiro furtado ao operário para defesa de um parasita que já foi ex-assistente técnico do Ministério da Agricultura, ex-diretor do Serviço de Administração do DASP, ex-diretor de divisão no Serviço de Assistência Médica da Previdência Social e que está marchando triunfal e inexoravelmente para ser ex-diretor geral da secretaria da Comissão do Imposto Sindical.

A certa altura de sua obra, afirma seu Oscar que a extinção do Fundo Sindical, interessa aos comunistas e criptoscomunistas.

## Frost não sabe se é um anarquista...

Foi o título de uma entrevista publicada em "O Globo" com o poeta nacional dos Estados Unidos, Robert Frost, que conta oitenta anos de vida e constitui um dos grandes vultos da poesia mundial, quando de sua visita ao Brasil.

Vejamos algumas das suas declarações na aludida entrevista:

De há muito se sabe que o regime penitenciário russo czarista distinguia-se pelas crueldades e severidade em relação aos presos políticos. Especial fúria revelavam os verdugos czaristas com os revolucionários terroristas, aos quais o governo, mais que tudo, temia. No entanto, o regime penitenciário prebolchevista russo não conhecia os prisioneiros no país da ditacionais manifestados contra



## Regime Penitenciário!!

Traduzido do russo por JOSE OITICICA

os prisioneiros no país da litadura sobre o proletariado. Requentadas torturas físicas e morais dos prisioneiros são comum ocorrência em todas as cadeias, desterrós e campos de concentração da U. R. S. S. (C.

Tôda correspondência deve ser enviada para a Avenida Almirante Barroso, n.º 6, sala 1101 endereçada para nosso diretor ou nosso administrador.

Em 1933 Ivanov Rasuminka foi segunda vez preso e depois disso, como ficou 8 meses na prisão de Leningrado, foi deportado para uma aldeia da Sibéria. Depois de algum tempo permitiram-lhe instalar-se em Saratovia onde ele passou 4 anos. Mas em Setembro de 1937 ele foi de novo preso e ficou em Dutirka e na Lubianka — (principais masmorras moscovitas) 21 meses.

Em seu livro Prisões e deportações, que contém 412 páginas, Jacob Rasumnik vive e talentosamente, fotografa o regime penitenciário soviético no tratamento feroz e amoral das pessoas. O autor mesmo testemunha disso, como a muitos prisioneiros com que lhe aconteceu ficar em diversas ocasiões nas prisões de Leningrado e Moscou, torturavam e martirizavam nos interrogatórios, durante alguns dias seguidamente. Na maioria dos casos o interrogatório dos prisioneiros ocorria à noite com o evidente fim de obter deles "confissão" do crime inventado. Batiam-lhes com paus e látigos em todo o corpo, torciam-lhes os braços e os dedos, quebravam-lhes as costelas, cumpiam-lhes na cara e despejavam-lhes na cabeça urina.

Muitos dos mártires não suportavam as torturas e confessavam-lhes os crimes prescritos. Outros renunciavam completamente os interrogatórios e confissões. Os tais "teimosos" inquisidores - sadistas martirizavam até a morte.

Entre centenas e milhares de presos que viviam em diversas prisões soviéticas e no próprio corpo experimentaram os horrores do regime de prisões havia alguns felizardos, alguns depois de demorado período de reclusão se libertaram das prisões. Os livres juraram e assinavam que eram obrigados a nunca e a ninguém — até aos mais íntimos — não contarem o que viram, ouviram ou a que sobreviveram na cadeia durante o tempo de sua própria prisão. Em caso contrário, eles seriam novamente presos e castigados pela lei soviética com prisão perpétua ou morte (sumária). Será preciso ainda aqui melhor prova de que os prisioneiros das prisões soviéticas estão submetidos a espancamentos e torturas dos carrascos comunistas?

O livro de Ivanov-Rasumnik Prisões e desterrós lê-se com interesse empolgante mas não sem emoção espiritual. Perante o leitor, como num caleidoscópio, passa uma série de cenas da vida trágica dos prisioneiros e dos horrores cometidos sobre eles pelos carceristas socialistas soviéticos.

C. C. R.). Sobre isso, verificamos documentos — livros e artigos — ex-prisioneiros, por miagre, escapados do inferno comunista e que narram ao mundo a inquisição soviética. Ao número destes documentos, indubitavelmente, pertence o livro recémpublicado na editorial Tchekob: Cadeias e desterrós.

O autor desse livro, R. V. Jacob-Rasumnik (1878-1946) é um dos notáveis pensadores radicais russos.

Por suas idéias sociais aderiu ao "populismo", isto é, cujos salientes representantes eram os fundadores da escola sociológica russa: Gértzen, N. Tchernitcheskosi, P. Lavrov, e N. Mikhailoviski. Jacob Rasumnik conhecido na Rússia como historiador da literatura russa e como autor de alguns livros sobre a inteligência russa, sobre Gértzene, Belinski e outros escritores. No ano 1919, foi preso pelo poder bolchevista por fantástica participação numa conspiração do comitê do partido socialista - revolucionário contra o governo. Esse foi o tempo da orgia do terror vermelho. Centenas e milhares de pessoas suspeitas foram presas e fuziladas como reféns. Mas Ivanov Rasumika escapou como por milagre. Depois de alguns meses nas prisões de Leningrado e Moscou foi posto em liberdade.

O jornalista que procurou enquadrar Frost em determinada corrente político-social, visto que o mesmo é um homem auto disciplinado, tão auto disciplinado que conseguiu submeter-se as imposições da rima e do ritmo.

Foi feita uma pergunta a queima roupa:

— O senhor é anarquista?  
E o poeta respondeu sem hesitar:

— Sei lá!

"Uns querem ser ricos, outros querem ser poderosos, outros querem o céu. Eu só quero viver." Mais adiante afirma: "No dia em que eu precisasse pedir licença a Washington para escrever meus versos deixaria para sempre meu país." Tal declaração deixou perplexo

# A OPUS DEI

Por CRISTOBAL GARCIA

A persistência em manter o estado de injustiça social que prevalece em todo o mundo e no qual a Igreja C. A. R., com hipocrisia ilimitada e incrível idiotice, pretende que a Humanidade busque sua falsa redenção na renúncia, em pleno século XX, de quanto há de mais ético e elementar à base do bem viver dos trabalhadores, tem o propósito nefando de desviá-los do caminho de sua verdadeira redenção para a paz, a justiça e a liberdade encontradas na ação viril projetada precisamente contra todo gênero de falsos pastores que empregam toda espécie de interesses econômicos, espirituais e especialmente, a abstenção da hegemonia política para assim dominar as massas e desviá-las da sua trajetória revolucionária.

Que outro significado terá a intervenção da Opus Dei na política, no comércio bancário, nos círculos de trabalho e, finalmente, nas mais altas esferas do estado?

Há muitos anos funciona na Espanha uma sociedade sacerdotal da Santa Cruz e Opus Dei. Esta nova organização de capelães e militares católicos foi fundada por Monsenhor José Maria Escríba y Balaguer em 1928 e aparentemente ia competir com a jesuítica Companhia de Jesus antigamente fundada por Santo Inácio de Loyola, abolida pelo Papa Clemente XIV em 1773 e que teve ordem de ser dissolvida pelo governo prussiano da Espanha em 1868, o que anteriormente já havia sido feito pelo rei Carlos III.

Hoje a Opus Dei radica em Roma

sob os auspícios do Papa Pio XII e dali se ramificará por todo o mundo, difundida e divulgada por delegados especiais e escolhidos.

Possue já 100 residências pela América, Europa Ocidental, Nova York, Paris, México, Chicago, Buenos-Aires, Santiago do Chile, Lisboa... e já se tornou tão poderosa quanto a maçonaria e o jesuitismo de maneira precisa.

Os povos e especialmente os trabalhadores continuam ignorando o que ocorre sem dar-se conta do grave perigo que significa a existência de uma Central Sindical Cristã desta natureza, que aglutina a maioria dos trabalhadores do mundo sob o signo da mansidão, da obediência e da cruz como símbolo de redenção; isto é, uma nova Inquisição de caráter teocrático.

A Opus Dei dá liberdade completa a seus adeptos de professar as idéias políticas e sociais que desejem — como, por exemplo, na França com a C. F. T. C. (Confederação Francesa de Trabalhadores Cristãos) — claro está, que não desmereçam os fins da "Irmandade" e acatem cegamente as ordens superiores. Uma das aspirações supremas da Opus Dei sobre todas as outras é conquistar e agrupar o Proletariado Internacionalmente, cuja grande Internacional seguiu a norma das doutrinas da Igreja com seu fanatismo.

A Opus Dei não interessa o fator homem como exaltação suprema e livre de seu próprio pensamento. No homem, para estes senhores católicos e cristãos, é o rebanho humano o que conta e o

que desejam, ligado à cadeia da escravidão, exploração e da superprodução, sujeito sempre a todas as tiranias de seu poder pessoal, bárbaro a autoritário — como na Espanha com o Cruzado Franco sob o regime teocrático-religioso.

Isto quer dizer que os trabalhadores serão, na nova estruturação da Europa sob o signo da Igreja, o que tem sido e continua sendo sob a hegemonia de todos os regimes burgueses e ditatoriais: uma engrenagem da monstruosa máquina produtora, um ser apto somente a produzir em benefício de uma casta de privilegiados, políticos e mandões de toda a espécie.

Há, além disso, o que para todos é de importância capital, o que se refere ao controle das massas operárias, isto é, o exercício contínuo sobre o operariado no sentido da captação afim de empregar sua força a favor da Igreja, organizando movimentos de opinião aqui e acolá e intervindo em todas as associações de vida pública e privada, citada nos assuntos do capital e do trabalho fazendo frente assim ao caráter revolucionário e emancipador dos trabalhadores.

As organizações operárias de caráter revolucionário e emancipador do mundo devem prestar a devida atenção a este feito significativo, pois receberão um impacto doloroso com a atividade sindical da Opus Dei.

E' pois necessário, urgentíssimo, que redobremos nosso esforço combativo fazendo frente à influência da Igreja que pensa invadir com toda sua força o campo social.

Nunca houve perigo tão próximo e ameaçador para nós, homens livres, de prosseguir na nossa luta pela liberdade e justiça sociais.

o:

de Igreja, que não há gatos que acabem com eles...

"Os dirigentes católicos vão chafurdar-se na politicagem". — Na sua habitual palestra semanal, D. Jaime de Barros Câmara, lançou seu brado de alerta para uma campanha de grande envergadura em prol do alistamento eleitoral, enumerando as armas de que conta e lançará mão para tornar vitorioso o movimento. Desde já — afirmou — contamos com todo o clero diocesano e regular, com a Pontifícia Universidade Católica, conventos, religiosos, faculdades e colégios arregimentados conscienciosamente". Além disso, "haverá avisos em todos os púlpitos, em reuniões de associações e noutras oportunidades sobre o dever do alistamento e a maneira de ser feito". Aludiu, ainda, S. Emília, ao hábito brasileiro de deixar tudo para a última hora e a multa pesada a que ficarão sujeitos os faltosos, dizendo depois que, "orientando os fiéis para o cumprimento destas obrigações para com a pátria brasileira, está a Igreja cumprindo um dos pontos de sua missão, que, se é divina em sua origem, é humana sob muitos aspectos". E, arrematando a palestra semanal, Dom Jaime frisou com ênfase: "alertar os homens para o adimplimento de seus deveres é missão da Igreja. Ora, o voto é obrigatório para o cidadão. Não se veja, pois, nessas ou noutras atitudes das autoridades eclesiásticas finalidades políticas, no sentido pejorativo, mas antes sincera colaboração no campo cívico e patriótico. Os católicos, quando se metem na politicagem e nas negociações, misturando-se com o que de mais nocivo existe na sociedade e no regime capitalista, fazem jus a todos os títulos que se lhes queira aplicar. Qualquer um, por mais pejorativo que pareça, fica aquém da realidade. O melhor mesmo é chama-los pelo que efetivamente são: filhos da... Igreja, que outra coisa não merecem. Se os chamássemos de filhos de Satanás, Lúcifer protestaria. E com razão.

o:

## O LEÃO E O BURRO

Por SERAPHIM PÔRTU

Diz a fábula que o burro, aproveitando-se da avançada idade do leão, se atirou a ele aos coices.

Mestre Oiticica foi bem mais feliz que o rei dos animais. O burro que se iusurgiu contra o soberano, respeitou e compreendeu o mestre, de saber incontestado e incontestável, pois só mestres como Oiticica, podem orientá-lo, para que possa livrar-se de varais e de açoites. Diante da velhice de Oiticica até o burro se mostrou lúcido! Oiticica a teve respeitada! Pelo burro!... e por outros que não ousaram enfrentar a "catadura esquiua de anarquista de Barcelona".

Pudera! E não há que respeitar?! Anarquistas de Barcelona tomaram a dianteira do heróico movimento que fez de bandar o exército espanhol! Só a torpeza os venceu.

Mas, Oiticica morreu. Esta morto. Não se pode defender. Surjam mais corvos! Crocitem à vontade! Corvejem sapiência, as "muitas evoluções estéticas e sociais, de doutrinas e de regimes", e outras baboseiras, em linguagem corvina como a de J. G. V. na Folha da Manhã de 28-VII-57, mas saibam que não tiveram sequer a coragem do burro!

Quanto à lucidez, nem e bom falar...

## CRISE DE IDEIAS OU CRISE DE HOMENS?

Por FEDERICA MONTSENY

Espanha, apesar de todas as suas falhas.

Periodicamente, têm aparecido em nossa imprensa artigos comentando a crise de idéias ou de homens. Nos velhos periódicos da Internacional apareciam já esses apêlos desolados, comparando aquele presente com épocas passadas. Jorge Mamrique já afirmava que "qualquer tempo ido foi melhor."

Não quero imitar nestas linhas ao Dr. Pangloss, porém, fui sempre dos que acreditaram que não se pode julgar as épocas com a comum medida humana, reduzida e limitada, como limitada e reduzida é a nossa existência.

Dizer: As idéias estão em crise ou Há crise de homens, porque durante 25 anos não apareça nenhum gênio no firmamento ou nos parece que nossa idealidade se estancou, é absolutamente pueril. Que são 25 anos? Nem uma geração. Nem tempo suficiente de formar novos homens; nem período bastante extenso para que os acontecimentos sociais, os adiantamentos científicos, o progresso moral, enriqueçam ou crivem uma ideologia.

Por regra geral, os gênios são descobertos quatro ou cinco lustros depois de haverem exalado o último suspiro.

Em nossos meios, o iconoclastismo chega, em geral, a amargar a vida de quantos são um valor em nossas filas, até que morram. Quando este fausto acontecimento se produz, então, sem temor a elevar santos, cantam as loas.

Pensadores e filósofos, como Berneri, como Fosco Falaschi. Homens de ação, como Durruti e Ascaso, como Antônio Lopes, como Sabater. Jovens que eram uma promessa por seus corações e por suas cabeças. Sem contar a sua multidão impressionante de anônimos caídos, dos que poderiam surgir. Ninguém sabe o valor secreto, revelado pela fermentação moral das grandes convulsões históricas.

Crise de idéias? Nunca nossas idéias haviam despertado tanto interesse, haviam sido estudadas com tanta curiosidade e tanta simpatia na Europa e no mundo, como depois da Revolução Espanhola. Em breve viagem realizada à Itália no mês de novembro passado, pude apreciar de que modo toda uma juventude ávida de saber, ávida de superar o complexo italiano — tradição individualista que, arrancada do Renascimento, misturada às influências morais de vinte anos de fascismo — inclina-se sobre a valorização do anarquismo, que representam as práticas socialistas libertárias feitas através das realizações econômicas de

Crise de idéias, quando elas aparecem como a única fórmula social, política, filosófica, não ensaiada e triunfante no passar dos anos e acontecimentos?

Quicá falaríamos mais propriamente se disséssemos crise de movimento organizado, cujas falhas e insuficiências saltam à vista, cuja incapacidade para coordenar a força, para dar-lhe eficácia e para aproveitar o período de excepcionais vantagens em que vivemos, aparece evidente.

Direis: os homens são os que constituem e fazem os movimentos. Se um movimento falha, é que falham os homens. Sim e não. Esta foi, é, e será nossa tragédia. Sempre sereemos um movimento limitado pela própria razão inversa de nossas vastíssimas perspectivas. Isto, que é nossa garantia de perenidade, é a causa de nossa falta de eficácia no presente, em todos os presentes. Não carecemos de homens, porém, não sabemos aproveitá-los. Somos ricos de idéias, porém, essa riqueza, às vezes, é causa de que não saibamos tirar o fruto de nossos próprios valores...

Meu sentido comum, quando estes momentos chegam, triunfa por fim em mim e digo: o que urge é trabalhar, com constância e com inteligência, superando estas contradições e realizando esta síntese grandiosa e necessária: pôr de acordo o presente com o futuro, fazer de nossa enorme força moral, de nossa força material fracionada e diluída, um movimento consciente, responsável, livre e compacto, que seja a grande reserva espiritual e social de um amanhã inédito e de um porvir sem limites.

o:

## Para maior glória de Satanás

Por PEDRO BOTELHO JUNIOR

"Batina, uniforme para vigários e vigaristas" — Os maiores vigaristas (nacionais e internacionais), são encontrados no seio das ordens religiosas. Isso, desde que o mundo é mundo. A "Monita Secreta" que segundo críticos imparciais, foi redigida pelo próprio Loyola, em colaboração com Lainez, atilado psicólogo, tem sido o "abre-te Sézano" dos roupetas do Vaticano e dos seres humanos que giram em redor de tão nefasta e odiosas criaturas.

Um fato recente ocorrido nesta Capital confirma "in totum" o que afirmamos. Segundo foi noticiado pelos jornais e confirmado posteriormente, um tal Apeles, que se encontrava cumprindo pena na Penitenciária desta Capital, conseguiu escapar da prisão. Como? Fantasiado de frade. Um parente (padre ou frade), foi quem lhe forneceu o disfarce. Tão bem se houve na caracterização que na hora de transportar os umbrais do cárcere "abençoou" os guardas. Antes de deixar tão desagradável "residência", apropriou-se de Cr\$ 400.000,00 que se achavam guardados no cofre da administração. E foi hospedar-se num dos melhores hotéis de S. Paulo, para onde se dirigiu logo após a fuga.

Como se vê, a batina é um "fardamento" que serve para tudo. Menos para coisas honestas.

"D. Helder Câmara vendeu por 40 milhões o que Juscelino lhe deu de graça". — No dia 18 de fevereiro do corrente ano, realizou-se a solenidade do lançamento da primeira (e única) estaca do Centro Municipal de Abastecimentos, na área compreendida dentro dos terrenos (que seriam aterrados futuramente), localizados à Avenida Brasil, na altura da rua Lobo Junior, afogados à Cruzada São Sebastião. Presidiu à solenidade o presidente da República. Falou, inicialmente, o presidente da Cruzada, arcebispo D. Helder Câmara, que historiou os trabalhos ingentes da Campanha pela "reden-

ção" dos favelados (omitindo os vários incêndios provocados na favela do Pinto), e salientando os propósitos da Cruzada no sentido de proporcionar ao governo da União amplos horizontes de progresso, desde que a Prefeitura, a Leopoldina e o próprio governo lhe forneçam (dinheiro, sempre dinheiro), os elementos necessários para esse fim.

Mal o padreco, sangue-suga do Tesouro Nacional, se apoderou da promessa presidencial de que seria apoiado na sua "grande obra", traçou planos e poz em execução seus insaciáveis tentáculos.

Segundo publica "O Mundo", em sua edição de 22-6-57, D. Helder realizou uma transação, vendendo à Petrobrás parte da área que Juscelino lhe deu de graça. Quarenta milhões de cruzeiros é quanto D. Helder vai receber por uma faixa de litoral que ainda vai ser aterrada. Com essa importância vamos ter muita propaganda demagógica e nada de positivo, pois ainda há pouco tempo o prefeito desta Capital, falando na televisão, afirmara que o problema das favelas (em cujo nome D. Helder Câmara recebeu o pedaço de mar que Juscelino lhe dera), só daqui a 30 ou mais anos é que talvez esteja resolvido. Enquanto isso não acontece, o dinheiro vai saindo das arcas do erário para as mãos insaciáveis de D. Helder. Por essas e outras coisas é que a Igreja Romana vai perdendo sua influência no povo. Hoje, apesar de ainda ser pouco alfabetizado, o operário tem uma rara acuidade, observa tudo e tira conclusões lógicas dos acontecimentos. Está cansado de ser explorado pela "Santa Madre Igreja, que não dá nada e leva tudo o que pode, desde que encontre facilidade. A venda de uma faixa do litoral marítimo que recebeu de graça e D. Helder transacionou por 40 milhões de cruzeiros, é uma prova irresponsável da astúcia dos ratos

A palestra de hoje, meus caros e "diletos" leitores é, como não podia deixar de ser, dedicada à Igreja Católica Apostólica Romana e aos padres de todas as categorias da hierarquia obscurantista e reacionária, com sede em Roma e sucursais em várias partes do Universo. Vou referir-me a tão ingrato e repugnante tema, tendo em vista o que escreveu um tal Frei Regilberto, num jornal desta Capital, cujo diretor anda às voltas com a Justiça, acusado de chantagista. A colaboração citada deve ter sido bastante apreciada pelos roupetas do Brasil, porque foi transcrita em diversos jornais católicos desta metrópole e dos Estados. Também vou referir-me à mesma, naturalmente de maneira diversa, pois atualmente estou liberto dos dogmas do catolicismo e com o espírito esclarecido. Hoje, quando me refiro à Internacional Negra é claro que o faço com arrependimento pelo tempo perdido, principalmente quando me vêm à lembrança os versos de Guerra Junqueiro, publicados no livro "A Velhice do Padre Eterno", referindo-se aos jesuítas:

"O' Jesuítas, vós sois dum faro tão astuto,  
Tendes tal corrupção e tal velhacaria,  
Que é incrível até que o filho de Maria  
Não seja ainda velhaco e não seja corrupto,  
Andando há tanto tempo em tão má companhia".

Para minha felicidade pessoal, acordei a tempo de recuperar a liberdade perdida e poder lutar para que todos os seres humanos, principalmente os do Brasil, se libertem da opressão e tirania religiosa de todas as seitas.

Assim, minha situação atual é de verdadeira independência em relação ao catolicismo. Uma posição que me permite a liberdade de crítica em volta de iniciativas e práticas da Igreja, difícil de ser atingida por quem vive acorrentado aos dogmas do Vaticano. Com essa liberdade crítica é que venho dizer algo sobre coisas que devem interessar a toda a população do Brasil, uma vez que é considerada como criação católica ou de formação cristã.

Todo anti-clerical é, na verdade, um bom cidadão. Todo indivíduo que, no Brasil, "atirar pedras" à Igreja, está condenando com veemência uma instituição que criou raízes neste desgraçado país e o está devorando a destruindo moral e materialmente. O anticlericalismo deve

## A VOZ DA OVELHA

# A IGREJA E SEUS PADRES

Por FREI MALAVENTURA

apontar todos os crimes, todas as indignidades, todas as perversidades praticadas pelos padres, para que sejam marcados pela opinião pública como elementos indesejáveis e indignos de participarem do convívio da coletividade. Se algum deles prevarica, que seja apontado. Se tem tara de conquistador, que seja castigado. Se comete um assassinato (não sendo em legítima defesa), que seja punido. A Igreja que acoberta seres dessa natureza não deve existir, porque é inimiga da Humanidade.

Prestem atenção ao que já se escrevia no começo do século com referência ao clero brasileiro: "O episcopado não se recomendava pelo seu zelo. E o clero, assim influenciado diretamente pelos seus bispos, quase sem exceção, dava o mau exemplo. No interior, os casos de padres de vida irregular eram numerosos." Para defendê-los dessa acusação, assim se manifestaram os observadores: "a distânciada dos centros urbanos, o espaço, a solidão, criavam circunstâncias atenuantes". Eram os padres, às vezes, forçados a viver como simples homens, à pressão do meio, traindo a sua igreja, a sua missão e ao seu povo, tornando-se como sub-padres".

Condenável Igreja esta que para cada padre íntegro, respeitador e cumpridor de seus verdadeiros deveres religiosos conserva novecentos noventa e nove sub-padres que são indignos da batina e da profissão que abraçaram... Será preciso acrescentar mais alguma coisa. Claro que sim! Há necessidade de fazer-se crítica severa em torno da Igreja e de seus padres. E nada melhor do que à seguir vai transcrito, extraído de "A Religião ao Alcance de Todos", de R. H. de Ibarreta, em cujo prefácio encontramos as seguintes frases: "Tendo em vista o fanatismo que, apoiado na ignorância, impera, em absoluto, em nossos campos e cidades, até nas pessoas que se dizem educadas, é o que nos inspirou estes comentários.

O atraso de nosso país em matéria religiosa é tal que pessoas que compartilham de minhas opiniões, assustam-se diante da idéia de ajudar a abrir os olhos ao nosso enganado povo. Uns me perguntam se, ensinando a verdade, os homens serão mais felizes. Desde logo afirmo que serão menos infelizes quanto menores causas de infelicidade tenham. O imaginário Inferno da Igreja (erroneamente chamada cristã), é uma delas. Outros arguem que se destruímos a Igreja, a sociedade seria dissolvida. Desde quando os princípios imutáveis da moral e da justiça são propriedade exclusiva da Igreja? Não faltam os que me aconselham, dizendo-me que o melhor que tenho a ganhar é o ódio dos sacerdotes desse farsismo que, disfarçado de religião, tanto se pratica em nosso país. Eles tratarão de fazer-me todo o mal de que são capazes, apresentando-me como um aborto do Inferno, capaz de todos os crimes. Enquanto os ministros da Igreja não apresentem outros argumentos, limitem-me a dizer que nunca vi um meliante afirmar que a polícia é boa."

Logo, todos os que combatem a Igreja, por mais insofismáveis e esclarecedores que sejam os seus argumentos, nunca passarão aos olhos dos fanáticos católicos, de verdadeiros demônios que com a sua atitude de saneamento mental, perturbam e comprometem a quieta e agradável situação que conquistaram, com abundância de enganos e mentiras em torno dessa religião cuja excelência eles pregam e não praticam, salvo raríssimas exceções. E para terminar a palestra de hoje, acreditando que tenha contribuído para esclarecer suficientemente o papel negativo da Igreja na vida da comunidade, nada melhor que citar novamente Guerra Junqueiro:

"Anda ver, ó Cristo, ésdes bandidos,  
Que rostos tão floridos  
Que belas digestões!  
O' pálido Jesus, ó cismador antigo,  
Levanta-te da campa e vem dar comigo

A ver ésdes ladrões.  
De tal modo imita o papa a singeleza  
Do mártir do Calvário,  
Que à força de gastar os bens com a pobreza,  
Tornou-se milionário."

## Um precursor chinês do anarquismo

Por BENITO MILLA

Em seu livro "Confúcio e o Humanismo Didatizante", Juan Marin dedica um capítulo a Mo-ti, o hereje.

Mo-ti representa uma derivação radical e distinta do confucionismo. Destacou-se por profunda originalidade de pensamento e de ação. Seus dados biográficos podem ser resumidos assim: de educação nobre, pois era de família fidalga, praticou desde muito jovem o confucionismo em sua forma mais cética; fundou finalmente uma escola própria cujo lema, muito anterior ao nascimento de Cristo, foi já o "amai-vos uns aos outros".

O ensinamento vivo de Mo-Ti fundamentava-se na presença acenrada do próximo. A integração do "outro" numa pessoal razão de amor fazem desse filósofo um an-

tagonista resoluto do intelectualizado humanismo confuciano. O próximo, em Mo-Ti, como mais tarde em Cristo, deixava de ser "coisa" para sublimar-se como criatura vivente, digna da solicitude dos outros homens e de Deus. Por isso o próximo é igual a mim e todos somos iguais finalmente. Iguais no conflito, na paixão, no infortúnio. E o amor, em última instância, sublima esse destino comum do homem, transcendendo-o.

Como diz Juan Marin, para Mo-Ti "o importante, o que contava era o homem vivo, os órfãos, as viúvas, os desválidos de toda classe. Como Cristo e São Francisco, ou como Gandhi, ele se cingiu estreitamente à sua doutrina, que era a de uma imensa piedade para com todos os seres; vestia-se muito pobremente, não possuía rique-

za alguma, arriscou cem vezes a vida denunciando a corrupção ou a injustiça dos poderosos e lutou com armas na mão em defesa dos débeis e dos perseguidos."

Temos aqui um filósofo que proclamou o amor universal, mas que não é capaz de cingir a espada em defesa, não de seus princípios doutrinários, mas da justiça imediata, isto é, das necessidades dos homens despojados de alimentos e de liberdade. Segundo cita Ralph Turner (O Anarquista Benévolo de Mo-Ti, em "As Grandes Culturas da Humanidade"), dizia Mo-Ti: "Três classes de atribulados há entre as pessoas: os que têm fome e não têm o que comer; os que têm frio e não têm o que vestir; e os que estão cansados e não podem descansar."

Segundo Ralph Turner no livro citado, Mo-Ti e seus discípulos especializaram-se na fabricação de armas, ainda que reprovassem a guerra. Mas suas armas queriam-

nas para combater em defesa dos débeis. Esta é a mais notável diferença que existe entre o "amai-vos uns aos outros" do filósofo chinês e o formulado séculos mais tarde por Jesús Cristo. Essa diferença é também a que aproxima Mo-Ti mais do anarquismo atual que do cristianismo ou do gandismo.

Outros rasgos singulares do pensamento de Mo-Ti movem-nos a considerá-lo como um precursor do anarquismo moderno. O mesmo Ralph Turner, em sua grande obra citada, fala do "anarquismo benévolo" do filósofo chinês. Não somente seu grande amor para com os semelhantes o distinguiu das doutrinas em voga naquele tempo, mas também um extraordinário sentido da pobreza e da justiça -- sendo este último tão forte que o levou a organizar seus discípulos como verdadeiros cruzados contra os abusos dos poderosos.

Outra característica da doutrina

de Mo-Ti foi seu repúdio das cerimônias e ritos, afirmando o valor individual da fé, pois ele próprio acreditava numa divindade superior, ou no céu. Não obstante isso, combateu o ritual e os costumes religiosos como nocivos, sobretudo como fator de empobrecimento do povo. O confucionismo exigia vários anos de inatividade completa depois da morte de alguém da família, e o cerimonial era tão custoso "que não se acabava de pagar por toda a vida".

Por sua doutrina de amor à humanidade, seu desprezo pelas riquezas, sua luta contra o poder, a injustiça e a guerra e seus ataques aos ritos e tradições obscurantistas, Mo-Ti revela-se um dos homens mais íntegros e despertos do pensamento antigo da China e também como um dos precursores dos ideais que o anarquismo, modernamente, representa.

o:

Faz algum tempo, o "Corriere de la Sera" publicava um artigo de seu redator, Virgilio Lili, sobre a Espanha de Franco que, com o título de "4 S. S. S. S.", entre outras coisas, dizia:

"A Espanha é o país antagovernamental por excelência. A Espanha está contra tudo o que é lei, imposição, limite ou regulamento. A guerra civil foi um cataclismo horrendo, um ciclone destruidor de fogo e de sangue. A ditadura Espanhola está oxidada como seu ditador. A Espanha mantém-se sobre quatro "S. S.": "sotainas", "sabres", "sindicatos" e "semvergonhas". Os reacionários querem volver à Idade Média. A cultura moderna é um pecado na Espanha. A ditadura é uma carreta velha e desengonçada. Os sintomas na Espanha são de: "Tempestade à vista!"

Diz-se, na Espanha, que Franco está sustentado por quatro "S. S.". Porém, a verdade é que, acima dos quatro "S. S.", Franco está sustido pelo "grande medo", o medo de que possa repetir-se a tragédia da guerra civil, de tipo moderno, que arrasou a Espanha transformada em campo de batalha nacional e estrangeiro. Esse terror foi o melhor aliado de Franco. Passaram vinte anos e o grande medo se tem ido afastando até da própria carne dos que a viram e padeceram. E há milhões de pessoas novas que a não viram e lhe conhecem os padecimentos por informações cuja força se foi atenuando. A essa dispersão natural do medo, devida, em grande parte, ao fato de haverem nascido de alguém que perdeu, na guerra, pernas, braços, vista, ou vieram ao mundo com o corpo completo, temos de acrescentar a oxidação natural de uma ditadura que envelheceu tal qual seu ditador.

O espanhol tem mais tendências à reação que à ação. E a ação dos quatro "S. S.", especialmente os três primeiros, "sobre", "sotaina" e "semvergonhas" muito não contribuído para despertar esse espírito de reação. Quem sai de uma livraria espanhola, expurgada por falange e clero, tem a impressão de haver saído de um banho na

## A cultura Franquista

Por VICENTE ANADON

Idade Média. Se os livros pudessem comer-se, não haveria inconveniente em que se fizesse, na Espanha, uma troca de ingredientes, tão edulcorados e acaramelados são os livros que a censura da "clausura intelectual" consente.

Até hoje, esse problema de uma Espanha parada na Idade Média, não havia preocupado muito os espanhóis e parece que o franquismo lança uma nova corrente, a de demonstrar que a Espanha tem nova missão, a de ensinar ao mundo a volver atrás. Em parte alguma do mundo, é possível ouvir, nem sequer de um púlpito, a afirmação de que o pensamento teológico deve substituir o filosófico e científico. Em Espanha, essa afirmação é corrente em lábios de sacerdotes e até de presumidos intelectuais leigos.

Pois bem, conquanto pareça estranho, Washington teve a ousadia de colocar na UNESCO, como representação cultural, uma delegação dessa barbárie medieval.

Ninguém ignora o destrôco cultural que a barbárie franquista está causando. Infinitude de professores e intelectuais foram assassinados, encarcerados, "depurados", e estão no exílio.

A Igreja impôs na Espanha, a tese do "Estado Católico" confirmada pela Concordata. A legislação canônica prima sobre a civil em aspectos como o do direito de família, o regime matrimonial, etc. O ensino primário é vigiado e fiscalizado pela Igreja; o pároco tem direitos de inspeção na tarefa dos mestres; o ensino secundário foi absorvido, em grande parte pelos colégios religiosos, privilegiados e muito independentes e a jerarquia pode intervir tanto nos institutos, quanto na universidade, na

aprovação dos livros de texto e na inspeção do ensino professoral. A Igreja pode vetar qualquer professor por motivos de ortodoxia. O ensino superior é supervisionado pela Igreja por influência nos concursos para as cátedras. Deve-se a isso o baixo nível intelectual de grande parte do professorado superior. Igualmente, elementos eclesiásticos ou pertencentes a instituições de caráter religioso dominam o Conselho Superior de Pesquisas Científicas. A influência e veto da Igreja atingem, através dos organismos da censura, toda a vida intelectual de Espanha.

Todas as publicações literárias se encontram em mãos do fascismo. Outras que tentaram pôr-se à margem foram suprimidas ou desautorizadas. Tudo quanto se encontra no "índice romano" está proibido. Desde o "Discurso do Método", até Kant, Hegel, Leibnitz, Bergson, Croce, etc. Nenhum texto de filosofia moderna pode publicar-se. O mesmo sucede com a literatura, Proust, Kafka, Joyce, Faulkner, etc. não podem circular nem publicar-se. Outro tanto sucede com a maior parte das obras de política, sociologia e economia e inclusive livros científicos, como os de Einstein, são mutilados. Recentemente, um volume das obras de Bertrand Russell apareceu com numerosas passagens suprimidas ou trocadas. O mesmo fizeram com outro de Jasper.

Na censura dos espetáculos ocorre pior. Os abraços são medidos, os beijos contados e até os argumentos são trocados.

Quanto a periódicos, é o governo que em tudo marca a pauta. Em política internacional só se publica o que ele ordena. De problemas nacionais, nada. E, além de ser impresso apenas o que o governo manda, tem cada linha de texto de subir ao departamento de censura antes de ser impressa.

Eis aí um pequeno esboço da cultura do fascismo absoluto franquista que a Casa Branca mantém e que negocia com o Krêmlin!

o:

Por omissão, deixamos de mencionar no devido tempo, que Oiticica e F. Viotti em 30-11-914 publicaram o 1.º número de uma revista anarquista intitulada "A Vida". E também que o Dr. Orlando Correia Lopes fez parte do Centro de Estudos Sociais, tendo realizado conferências em várias ocasiões. Publicou, em março de 1915, "Na Barricada", revista de propaganda acrata. Posteriormente, quando foi diretor da Escola Profissional "Visconde de Mauá", em Marechal Hermes (D. F.) vários delegados à reunião plenária já citada, tiveram a oportunidade de visitá-la atendendo a um seu convite. Lá puderam constatar certos processos introduzidos por ele e que tinham como fim capacitar duma maneira mais geral, para a vida útil, o homem produtor. Um deles era fazer que os jovens que aprendiam um ofício, também se treinassem no cultivo da terra, incumbindo-se cada um de amanho determinada estensão, onde plantavam alguns cereais ou legumes, de acordo com as estações do ano, cujos produtos podiam levá-los para as famílias.

Mas, vamos à obra associativa da Federação que prosseguia o seu ritmo. Continuemos dizendo alguma coisa sobre o movimento sindical desse tempo, o qual era uma sequência. A ação empreendida pelos libertários desde 1905. Ditos elementos, com mais persistência desde essa data do que até então, vinham esforçando-se para organizar os trabalhadores de acordo com a orientação do sindicalismo revolucionário. Obra que não sofreu solução de continuidade, pois, tanto a Federação Operária como expoente dos sindicatos a ela aderidos, e o movimento anarquista, com mais ou menos atividade, para isso trabalharam. Os períodos de vida mais intensa da Federação foram de 1907 a 1911, (com sede à Rua do Hospício 144 e 156) e depois, de 1913 em diante. Em 1915, com sede à Rua Gal Câmara 335, já contava, novamente, com certa força numérica de federados, entre eles, nas diversas classes, muitos elementos capacitados na vida associativa e conhecedores do ideal de emancipação.

Esse órgão federativo sempre sustentou um Sindicato de Ofícios Vários, que era composto de proletários que não tinham associação de classe por falta de número suficiente para constituí-la. Pois para isso e para ser federada, segundo resoluções assentes, era necessário contar com o mínimo de 25 sócios efetivos cada profissão. Dele podiam fazer parte desde o trabalhador braçal ao intelectual que vivesse do salário; os que trabalhassem individualmente por sua conta e também os que, mesmo tendo associação, não eram federados e desejavam contribuir para a obra da Federação. Era, por tanto, uma entidade de ação organizadora e cultural. De formas

que o dito sindicato contava sempre com um bom núcleo de associados conhecedores da questão social e assuntos sindicais. Por ele passaram boa parte dos militantes que atuaram no meio associativo profissional do Rio, entre eles José Oiticica.

Excusado seria dizer que os acratas sempre tiveram uma preocupação constante entre os seus irmãos da exploração: instruir, divulgar o ideal de emancipação humana; desenvolver o sentimento de solidariedade; incrementar a cultura e o conhecimento da sociologia; recreio limpo e sadio. E com esses objetivos em mira realizaram conferências, palestras e tertúlias nos locais das asso-

## JOSE OITICICA

# Recordando alguma coisa de sua trajetória no movimento libertário

Por JOSÉ ROMERO

ciações. Mensalmente havia representações teatrais (teatro social, de idéias, revolucionário) por grupos permanentes de amadores, na sede da Federação ou nos sindicatos que possuíam palco cênico. As funções eram sempre precedidas de conferências sobre assuntos sociais, higiene ou arte. Entre os que contribuíam para essa obra de auto-educação do proletariado, uns com mais, outros com menos bagagem de conhecimentos, tendo muitos propagado até o fim da vida o Ideal, devemos lembrar João Gonçalves e o Dr. Fábio Luz, médico, que tivemos ocasião de conhecê-lo numa reunião libertária, em fevereiro ou março de 1903; mas desde muito tempo ele vinha semeando as idéias. Foi inspetor escolar no Distrito Federal durante muitos anos, tendo sido o criador das caixas escolares.

"Ação Direta", na sua seção "Figuras do Anarquismo", publicou há tempo uma resenha biográfica recordando o autor do romance "Ideólogo". Por sua parte, João Gonçalves integrou-se no movimento na mesma época que Oiticica. Apesar de ser um homem com mais de 40 anos, era um espírito ativo, sereno e um excelente polemista. Conhecia a fundo as origens e evolução das duas correntes do socialismo, o autoritário e o anti-autoritário, a de Proudhon e Bakúnin e a de Carlos Marx, além de possuir uma sólida e vasta cultura. Logo de

início tomou parte saliente em vários comícios realizados pela Federação na praça pública em 1915, para protestos contra certas injustiças praticadas pelas autoridades. Todavia, como dissemos mais acima, era semeando idéias e conhecimentos que a organização e o movimento anarquista iam criando uma mentalidade nova entre os trabalhadores e suas famílias, estimulando-os a apreciar o progresso e a amar uma vida mais racional e humana, sem esquecerem de que para conseguí-la era preciso a luta cotidiana, com o fim de arrancar mais pão e liberdade do capitalismo e continuá-la até o seu completo desaparecimento.

A princípios de 1917 a Federação promoveu intensa campanha contra os aumentos dos aluguéis das moradias e carestia em geral, cujos efeitos, como sempre, tornavam mais amarga a vida do operariado. Realizou comícios em praça pública nos diversos bairros do Rio, aos sábados e domingos de tarde, os quais eram concorridíssimos. Também efetuou alguns na sua sede, à Pça. Tiradentes, 71, sobrado, para onde se tinha mudado no começo de 1916. Entretanto, diga-se de passagem que, apesar de o Brasil estar em guerra com a Alemanha, o governo de então não os proibiu; nesse tempo não pediam licença à autoridade para efetuar "meetings" ou reuniões públicas, pois isso era um direito consumado na primeira Constituição da República.

A meados desse ano, não lembramos o mês, ocorreu um grande desastre na Praça Tiradentes, esquina da Rua Silva Jardim com a da Carioca. Nesse local estavam construindo um edifício, para uma fábrica de algum nome nessa época. Certo dia, quando já estava a meia construção, ela ruíu, matando 10 operários. À noite, o conselho da Federação reuniu-se e resolveu publicar um boletim, além de anúncios nos jornais, convocando a construção civil e o operariado em geral a cessar o trabalho para assistirem o enterro dos companheiros sacrificados. Apesar de certas restrições que a polícia quis fazer, ele transformou-se numa grande manifestação de pesar e protesto contra a ganância e o relaxamento criminoso da burguesia. De forma que a Federação, coerente com os seus fins, desenvolvia a sua propaganda em defesa do povo trabalhador.

Dentro do ambiente de atividade do movimento sindical, resultante dos esforços dos anarquistas e simpatizantes, chegou ao seu fim o ano de 1917, tempo em que se deu a revolução do povo russo contra o arcaico regime czarista. Revolução que foi vista com simpatia e entusiasmo por todos os homens livres do mundo, mormente pelos anarquistas, dada a sua característica de revolução social.

## PODEREMOS VIVER SEM AUTORIDADE?

O jornal anarquista "Freedom", de 23 de março, conta-nos a história de uma experiência efetuada em "Peckham" por um grupo de biólogos que desejavam estudar o comportamento humano em determinadas circunstâncias (trata-se do "Centro Sanitário de Peckham", fundado pelo Dr. G. Scott Williamson). O problema consistia em saber como agiriam os seres humanos livres — livres de agir como entendessem e de realizar seus desejos, ficando subentendido que eles viveriam em um meio provido de todas as comodidades, desde a piscina e o teatro, até a creche e o bar.

Inexistência de regras e regulamentos. Ausência de autoridade a não ser a influência moral do Dr. Williamson. Durante oito meses primaram o caos e a fantasia, imediatamente após os membros dessa pequena comunidade aprenderam a usar naturalmente sua liberdade; desde logo reinou ordem, mas ordem produzida por evolução livre, pela associação mutua natural e voluntária. A experiência durou quatro anos e foi somente interrompida no período da guerra. Os biólogos chegaram a duas conclusões: 1.º — inutilidade dos chefes; 2.º — a concórdia não é uma característica do comportamento humano em regime de liberdade.

De fato, uma perfeita harmonia reinava e as numerosas atividades desse meio se desenvolviam espontaneamente, sem que fosse necessário recorrer aos comitês permanentes ou aos administradores. A experiência foi de tal forma satisfatória que o Dr. Williamson se propôs a renová-la em "Coventry" onde ele apelou à 600 famílias, às quais organizaram elas próprias suas comunidades, realizaram o plano de reconstrução — isto segundo suas necessidades — estabeleceram o trabalho agrícola. Ausência absoluta de chefe e uma vez mais será provado que com censo comum e sabedoria prática as pessoas podem executar grandes empreendimentos, desde que sejam livres.

## Faleceu Alberto Jensen

Em Estocolmo, em junho último, faleceu o conhecido militante anarquista e sindicalista Albert Jensen, ex-diretor do diário "Arbetaren".

Nascido em 29 de junho 1879 em Landskrona, Suécia, depois de fazer o curso primário, aprendeu o ofício de sapateiro, dedicando-se mais tarde a outros trabalhos manuais. Ainda jovem destacou-se pela atuação na propaganda oral e jornalística, ocupando o cargo de administrador do jornal socialista de sua cidade. Nos anos de 1903-1905 teve notada intervenção nos conflitos do movimento socialista juvenil, motivados pelo advento do chamado "socialismo jovem", que foi a designação do movimento anarquista sueco.

## O TRABALHO

O trabalho foi inventado, ou melhor, introduzido como meio de enriquecer os que não trabalham. Pode chamar-se a isto uma imoralidade, pouco importa que o seja ou não. O certo é que tem sido ensinada tão obstinadamente a doutrina, na minha opinião perversa, de que o trabalho é de por si uma ação moral, que até os próprios trabalhadores o creem unicamente discutindo se não se poderia organizar o trabalho em formas melhores. Contudo, esquecem que o trabalho em caso nenhum é uma finalidade, apenas um meio, e como meio não pode qualificar-se de moral nem de imoral: é amoral. É absurdo crer que se a humanidade não tivesse que trabalhar teria que ser má. Ao contrário, seria um ideal, ainda no caso de ser utópico.

É verdade que o provérbio diz que a ociosidade é a mãe de todos os vícios. Mas eu já disse que para ser justo, ao menos se deveria acrescentar que o ócio é, também, a mãe de toda a sabedoria. Todo provérbio é um dos enganosos inventos dos moralizadores. Com tal critério quase todos os grandes gênios científicos deveriam ser viciosos, pois pensam e sonham, pro-

A separação da Noruega do reino da Suécia, em 1905, que quase provocou a guerra, provocou a união das duas tendências do movimento juvenil, colaborando para a campanha antimilitarista. A participação de Jensen valeu-lhe a primeira prisão.

Ainda na propaganda ativa, fez várias viagens ao exterior dedicadas a estudos sociais.

Nomeado diretor do órgão sindicalista "Direkt Aktion", da Noruega, promoveu forte campanha antimilitarista e antinacionalista nos anos que precederam à primeira guerra mundial. Expulso da Noruega, foi para a Dinamarca, onde prosseguiu no jornalismo e se dedicou a traduções de livros. Novamente expulso da Dinamarca, voltou à Suécia.

Em 1922 foi fundado o "Arbetaren", sendo Jensen nomeado redator de questões internacionais. Em 1928 passou a ser seu diretor, posto que ocupou até 1950. Sua atividade fez do "Arbetaren" um diário famoso, temido e querido em toda a Suécia e nos países vizinhos.

Toda a sua luta incansável foi sempre dirigida contra qualquer totalitarismo, fosse vermelho ou pardo, vendo em seu crescimento por todas as partes um dos maiores perigos contra a paz e a liberdade.

Numa sociedade em que haja desaparecido a distinção entre capitalista e trabalhador, não há necessidade de Governo; seria anacronismo, cousa nociva. Os trabalhadores exigem organização livre e esta não pode ter outra base que o livre consentimento e a livre cooperação, sem sacrifício da autonomia do indivíduo ao Estado em tudo interferente.

dúzem quando o gênio os inspira; nunca trabalham no sentido comum do termo, quando por necessidade são forçados a fazê-lo, o trabalho cotidiano obstaculiza sua verdadeira obra.

(Jorge F. Nicolai, "Libertação do Trabalho").

# Resenha Internacional

ITALIA — Há cem anos morria Carlo Pisano, militante italiano da estirpe de um Carlo Cafiero, Andrea Costa e Errico Malatesta. A tal efeito, "Seme Anarchico" lhe dedica seu número de abril com interessantes artigos, completado por um perdurável trabalho de Luigi Fabbri.

MÉXICO — A vida de Simon Radowski. Biografia desse anarquista de origem russa, que tantos ecos e simpatias despertou nos países da América. Apresentação tipográfica impecável, numerosos desenhos. Preço, 12 pesos, moeda mexicana. O produto da venda se destina aos companheiros encarcerados na Espanha. Pedidos a Tierra y Libertad. Apartado Postal, 10596, México 1, D. F.

HOLANDA — Obras completas de Bakúnin. Anunciou o suplemento literário do Correio da Manhã de 10-8-57 que o Instituto de História Social da Holanda lançará, em breve, as Obras Completas de Bakúnin, em 6 volumes, o que não deixa de ser um acontecimento extraordinário e vem mostrar que, após o vendaval do socialismo autoritário, a humanidade está voltando a se interessar pelo anarquismo, representado na obra de seus teóricos, como a solução suprema dos problemas sociais.

## CONCENTRAÇÃO INTERNACIONAL JUVENIL LIBERTÁRIA

Com o fim de proporcionar aos jovens das cidades, obcecados pelo artificialismo das grandes aglomerações, um contato com a vida em a Natureza, as juventudes libertárias da França organizaram uma concentração internacional que se realiza anualmente. Para a deste ano foi escolhida a montanha, tena praia. O lugar é uma pequena do lado no ano passado realizada esplanada, rodeada de árvores e banhada pelo rio Adour. Próximo há um lago próprio para a natação. Há espaço para barracas de campanha, para refeitório e re-

creio, num cenário próprio para as atividades artísticas, teatrais, cinematográficas, etc. Desde o acampamento poderão ser visitadas as grutas de Lourdes e Bagnères; o pico de Midi, a Ponte de Espanha, o Lago de Gave, Cauterets e Bagnères; o pico do Midi, a Ponte de Espanha, o Lago de Gave, Cauterets e Gavarnie. Além da natação, jogos e excursões, haverá exposições artísticas, projeções de cinema, representações teatrais, palestras e conferências.

## A "DEMOCRACIA" NORO-AMERICANA

O sábio professor americano William K. Sherwood suicidou-se. Incurso na lei McCarthy de repressão contra o comunismo (na realidade, contra toda idéia progressista), devia abandonar seu laboratório de pesquisas anticancerígenas para ir depor numa inquisição de deputados, que costuma condenar suas vítimas diante das câmaras indiscretas de cinco milhões de televisores. Humilhado, altamente ofendido pela intromissão do Estado nos arcanos de sua consciência, o professor Sherwood gritou: "Não quero importunações! O que eu quero é trabalhar em meu laboratório!"

Não fizeram caso — a lei é a lei — e a comissão "rogatória" renovou a exigência da apresentação. Resposta? O sábio Sherwood, 41 anos, grande esperança da ciência, matou-se com um tiro na fronte.

A política do Estado ficou servida, e a humanidade sofredora registra um defensor a menos.

"SOLARIDAD OBRERA"  
À VENDA  
no Largo da Lapa  
(Em frente ao Ponto dos Bondes)